

VELHO TRONCO

PAULINO SANTIAGO

I

Em baixo, o vale.

E o rio, alva faixa de prata,
Trêmula, inquieta, ondeante, arrasta-se indolente
Pelos invios desvãos do vale a fora.

A mata,

Grande, soberba, heril, cobre extensão tamanha
De terra, que é mister, para avistá-la em roda,
Os píncaros galgar da alterosa montanha
E dali, da eminência, olhando ao lado e à frente
Olhando, e olhando atrás, circunvolvê-la tóda.

Verde é o chão. Como enorme estendal, matizado
Aqui de verde-cana, além de verde-monte,
Estende-se, fluando aos ventos, o gramado.
E lá para os confins do longínquo horizonte,
Em que a vista cansada e indecisa se perde,
Inda palpita e vibra, infinita e constante,
Esta côr do mistério e da esperança — o verde.

Elevam-se da terra aos céus, a todo instante,
As mil vozes que a selva afaga e o vale encerra
No mádido regaço. Em troca da oferenda,
A luz desce dos céus, em chuva de oiro, à terra
E do seio da terra os arcanos desvenda,
Rasgando a gleba infôrme à eclosão da semente,
Na pletora da seiva.

II

Em cima, frente a frente,

Esguios, frágeis uns, outros enormes, broncos,
Envoltos desde o solo entre a urdidura e a trança
De lianas e cipós — inumeráveis troncos.
A imbaíba delgada e fina se balança
Junto da sicupira. Aves de tóda casta
Tecem ali seu ninho e nele se previnem
Do réptil falso e máu que no solo se arrasta
Entre fôlhas que o Outono arremessou.

Volteando,

Zumbem insetos no ar e em zigue-zagues zinem,
Ruflando as asas de oiro e esmalte e fogo.

III

Quando

A gente, por fugir da mentira funesta,
Do ódio e da inveja vai, trêmulo o passo, e avista
Na curva do caminho, a sombria floresta;
— Crê que é eterna a floresta e intermina a espessura
E impenetrável; mas, sob a cúpula escura
Da folhagem, serpeando, uma apertada pista
Entra o seio da mata umbrosa. De repente,
Em pleno coração do bosque, uma clareira
Surge ante o olhar pasmado e incrédulo da gente
— Círculo imenso e chão de árido campo aberto,
Onde cai, rutilando, a luminosa poeira
Do sol. Todo o arvoredor erguido ali por perto
Tem um ar de recuo ante a visão dorida
De um velho e negro tronco escalavrado e enorme
Que em meio da clareira eterna jaz sem vida.
Como o vedes, mesquinho, amofinado, informe,
Não sonhareis, sequer, como era belo e fasto,
Nem díreis que êle foi a mais alta e mais forte
Coluna vegetal daquele ingente e vasto
Zimbório de verdura.

Outrora, erguido o porte

Nobre de rei da selva, a coma desmedida
Êle estendera no alto, acima da folhagem
Dos outros, como amparo, Ave êxule, em romagem,
Naquela fronte achava infalível guarida.
Certo dia, porém, na fúmbria dilatada
Do longínquo horizonte, o azul sereno e doce
Flavesceu. Logo após, o amarelo tornou-se
Rubro, de um rubro intenso e vivo de queimada,
E um rouco estrondo ouviu-se em tóda a cercania:
— Rebentara o trovão na serra. A artilharia
Ciclópica irrompeu aos rancos da granada.
O estolro regougou do monte ao vale e, enquanto
Pelos grotões abaixo, aos borbotões, urrava
Das águas a torrente, um raio atravessava
O espaço e se embebia — ó pasmo! horror! espanto!
No agosto cerne.

O rei da selva, ao choque rúde,

Torceu-se no ar, vibrou das raízes à fronde,
E caiu bipartido, arrastando consigo
Ninhos, ramos, cipós, arbustos, lianas, tudo
Quanto nele encontrara asilo certo e amigo.
Desde então, no lugar de mêdo e assombros, onde
Caíra espedaçada a cúpula altaneira,
Existe aquela vasta e imprevisita clareira.

IV

Ai! Coração, tu és como a floresta imensa:

— Árvore venturosa, o amor em tí palpita
E nele o bando azul das ilusões se encerra;
Mas um dia fuzila o raio da desencrença
E tudo o que quiseste e amaste vem por terra.
— Rasga-se em teu regaço a clareira infinita,
Em cujo centro um velho e negro tronco informe,
Pelos vermes corroído, o último sono dorme...
1914.